



# NÚCLEO TAUROMÁQUICO CORUCHE

EXPOSIÇÃO

## TAUROMAQUIA DE CORUCHE

HISTÓRIA, ARTE, TRADIÇÃO



### ABERTURA AO PÚBLICO:

- De terça-feira a sexta-feira, no horário do Museu Municipal (dirija-se à recepção do MMC)
- Último domingo de cada mês
- Mediante marcação prévia
- Durante as seguintes actividades anuais: Sabores do Toiro Bravo (início de Maio), Festas de Nossa Senhora do Castelo (14 a 18 de Agosto) e Jornadas de Gastronomia (início de Outubro)

### HORÁRIO:

- Verão das 10h00 - 13h00; 14h30 - 18h30
- Inverno das 9h00 - 13h00; 14h30 - 17h30

Encerra à segunda-feira e feriados (excepto em Agosto durante as Festas de Nossa Senhora do Castelo)

# Linhas Toureiras

A ARTE  
DE MANUEL & MARGARIDA  
"MARQUES"



NÚCLEO TAUROMÁQUICO DE CORUCHE  
(ANTIGOS CTT)

15 DE AGOSTO

Aberta até 31 de Dezembro



*Casaca executada em Julho 2012*

# Linhas Toureiras

## A ARTE DE MANUEL & MARGARIDA MARQUES

### A ARTE DA ALFAIATARIA

Não cabendo apresentar aqui uma versão da história da alfaiataria em Portugal, consideramos, ainda assim, importante efetuar uma breve contextualização que permita uma melhor identificação com a arte que apresentamos nesta exposição temporária.

Para identificar a profissão de alfaiate, contrariamente aos restantes países de origem latina da Europa, como a França, Espanha e a Itália, Portugal demonstra a sua maior ligação ao mundo árabe adotando para sua designação um nome derivado da palavra árabe Al-kaiat ou Al-kaiiat, do verbo khata, que significa coser.

No contexto mundial, desde a antiguidade clássica até ao século XVII, os alfaiates detiveram o exclusivo para o corte e costura das diferentes peças do vestuário masculino e feminino; no entanto, é precisamente o século seguinte, século XVIII, que representa o período de ouro da alfaiataria, justificado em grande medida pelo facto da simbologia do poder estar então associada ao grandioso aparato do vestuário.

Já em Portugal, a alfaiataria terá tido o seu período áureo nos finais do século XIX e princípios do século XX.

A primeira República trouxe os primeiros cursos de corte na Associação dos Operários Alfaiates de Lisboa, dando início à estruturação de uma aprendizagem mais sistemática fora das oficinas.

Mais tarde, nos anos trinta, deu-se uma nova dinâmica no setor através de quatro factos dignos de registo: dá-se a constituição dos sindicatos nacionais e profissionais de alfaiataria e costura, na sequência da aprovação do Estatuto do Trabalho Nacional em 1934; nesse mesmo ano de 1934, Miguel Guilherme de Almeida e António Mendes Batista fundam a primeira escola para alfaiates em Portugal, a Academia de Corte Maguidal, que se viria a revelar muito importante para o percurso profissional de Manuel Marques; no Porto, funda-se em 1935 a Cooperativa dos Industriais de Alfaiataria; finalmente, em Lisboa, funda-se a Academia Nacional do Corte em 1939.

As grandes mudanças sociais e culturais ocorridas na segunda metade do século XX vieram a determinar profundas alterações nos gostos e formas de vestir, abrindo espaço para o desenvolvimento da indústria de pronto-a-vestir e obrigando os alfaiates portugueses a procurar soluções nos fóruns internacionais do setor, onde por regra estavam ausentes. Só em 1970 é que uma delegação de alfaiates portugueses participou num congresso mundial de mestres alfaiates – o XIV congresso, em Madrid.

Hoje, os problemas da classe são basicamente os mesmos das últimas décadas, mas grandemente agravados pela crise generalizada que se vive, pela inexistência de uma formação profissional adequada e ajustada aos novos desafios que a contemporaneidade impõe, bem como à inexistência de uma estratégia de promoção da atividade enquanto arte que permita a recuperação do prestígio da profissão de alfaiate.

### MANUELE MARIA

Manuel Fernandes nasceu no dia 29 de maio de 1933. Os seus pais viviam no Biscainho, concelho de Coruche, e dedicavam-se à agricultura. No registo civil herdou o nome de família do pai, mas viria a ser conhecido com Manuel "Marques", por imposição popular do nome da família materna.

O jovem Manuel cedo revelou ambição para procurar uma atividade diferente da dura vida no campo. Ambicioso e perfeccionista, descobriu novo a vocação para acordeonista e viu na profissão de alfaiate uma maneira de subir na vida – ambas as atividades conferiam um certo status social que lhe agradava.

Depois de concluir a quarta classe, começou aos doze anos a aprender a tocar acordeão com o Sr. Joaquim Claro. Curiosamente essas lições decorriam no Tribunal de Coruche, local de trabalho do mestre.

Aos dezasseis anos, Manuel Marques começou o seu percurso de aprendizagem da profissão de alfaiate. Nesse período aprendia a profissão durante a semana e fazia bailes com o seu acordeão aos fins de semana.

Diz-nos que chegou a fazer cerca de oitenta bailes por ano, auferindo então um rendimento anual por essa atividade idêntico ao dos professores, uma vez que os "contratos" variavam entre os 80 e os 150 escudos correspondentes ao acompanhamento nos casamentos.

Foi num desses bailes, nas Figueiras (entre a Quinta Grande e as Courelas da Amoreirinha), que conheceu Maria Margarida Teles (5-02-1935). Ele tinha 18 anos e ela 16 anos, tendo a relação evoluído durante os bailes que se foram seguindo.

Margarida era neta do abegoão da propriedade agrícola de Cavaleiros, onde os seus pais eram igualmente trabalhadores.

Namoraram cerca de dois anos, vindo a casar em 15 de novembro de 1953, na Igreja de Nossa Senhora do Castelo, em Coruche.

A 5 de janeiro de 1957 viria a nascer o seu único filho, Manuel Teles Fernandes, pai de Sónia e Mónica Fernandes, as duas netas do casal.

Sobre a companhia de sempre, Manuel Marques destaca a sua grande simplicidade e o facto de todas as pessoas que passaram na alfaiataria a considerarem sempre muito, desde os mais simples às grandes figuras. Confessa que "(...) eu tenho mais conversa, mas ela tem mais postura, conversa só o que é preciso. Conversar muito, conversar pouco ou estar calado qualquer pessoa sabe fazer, mas conversar só o que é preciso é que é mais difícil! E ela está neste termo".

Após o casamento, em 1954, Manuel Marques assentou praça em Santarém, na Cavalaria 4, tendo cumprido aí todo o serviço militar como explorador de cavalaria, sem que afortunadamente se chegasse a concretizar a hipótese de embarcar para a Índia.

Com a desmobilização definitiva da tropa, a profissão de alfaiate veio, enfim, a definir-se como a sua principal e única atividade profissional até aos dias de hoje.

A grande exigência que a profissão progressivamente foi trazendo acabaria por determinar o abandono definitivo do acordeão, uma vez que o pouco tempo disponível para ensaiar não permitia uma apresentação pública condigna e essa seria uma situação totalmente contrária ao seu espírito perfeccionista.

Mantendo a atual exposição de inauguração deste núcleo do museu municipal, renovamos o espaço para prestar homenagem ao alfaiate coruchense Manuel Marques e sua esposa Margarida através da exposição temporária Linhas Toureiras – A Arte de Manuel & Margarida Marques.

A forte tradição tauromáquica coruchense está associada a um largo conjunto de práticas sociais e vivências de tradições, rituais e eventos festivos que concorrem para a construção da identidade cultural de Coruche. Neste contexto, a excelência e a elevada especialização da atividade desenvolvida por Manuel Marques, o "alfaiate dos toureiros", como já foi apelidado, bem como o facto da mesma merecer o rótulo de quase exclusividade são motivos de diferenciação positiva do nosso concelho face a outros territórios de igual matriz tauromáquica, justificando plenamente o destaque que agora lhe conferimos através desta pequena exposição.

Ao ponderarmos na história de vida que aqui apresentamos abreviadamente, uma história com rosto... de um homem entre muitos, um homem que trabalha, que quer sempre aprender mais, alcançar novos objetivos e evoluir, que, com método, procura a perfeição pelas suas mãos criadoras, não podemos deixar de pensar na sua associação ao título feliz da exposição de longa duração do museu municipal: "O Homem e o trabalho – A magia da mão". Uma exposição que nos conduz através da grande aventura da humanidade, onde o Homem, consciente de si, se liberta pela mão, inteligente, e se supera a cada passo. Não conhece limites. Domina. Busca a perfeição!

Fará sentido esta abstração?

Visite-nos, ligue as pontas... reflita connosco!

## A ARTE DE MANUEL & MARGARIDA MARQUES

Manuel Marques viu na profissão de alfaiate não só uma forma de subir na vida e satisfazer a sua ambição mas também a maneira de ser feliz a trabalhar pois sentiu que esta era a vocação que estava de acordo consigo, com a sua personalidade. Quando conheceu Margarida, para além de tocar acordeão, já andava a aprender a profissão de alfaiate em Coruche. Gostaria de ter tido como mestre o Sr. Martinho, na Rua de Santarém, mas foi com o Sr. Custódio, em Santo Antonino, que se iniciou nesta arte. Depois ainda andou no Sr. Cabral, na Rua dos Guerreiros, que aprendera com os prestigiados "Nogueiras", em Santarém. Teria já perto de vinte e cinco anos quando a sua enorme vontade de evoluir na carreira, aliada à total disponibilidade para aprender e ao desejo de alcançar a perfeição, o levaram a ingressar pela primeira vez na Academia de Corte Maguidal, em Lisboa. Nessa altura a atividade que desenvolvia era ainda "só no trivial", como constantemente refere a alfaiataria comum. Depois disso, também em Lisboa, ainda frequentou um curso de aperfeiçoamento na Rua do Alecrim e na FIL. Fez também uma formação por correspondência numa importante academia que juntava duas importantes escolas europeias, a alemã e a espanhola.

Estabelecido no Biscainho e tendo a companhia da esposa Margarida como costureira, só alguns anos mais tarde viria a dar a viragem profissional que nos conduziu a esta história de sucesso. Alberto Armindo, "herdeiro" da arte de Rosado Pires, alfaiate da família real nos finais do século XIX, foi quem durante décadas vestiu os cavaleiros tauromáquicos portugueses. No entanto, com o avançar da idade e a incapacidade em prosseguir com este trabalho especializado para a tauromaquia, abriu-se uma janela de oportunidade que o espírito ambicioso de Manuel Marques não iria deixar fechar.

Foi David Ribeiro Telles, conhecedor do trabalho de Manuel Marques como alfaiate, que lhe sugeriu insistentemente que se dedicasse a esta arte e desse continuidade à tradição de Rosado Pires e Alberto Armindo.

Entusiasmado com este novo desafio, voltou à Academia de Corte Maguidal para se especializar no corte e bordados para a tauromaquia.

Inspirado no traje do rei francês Luís XV, o corte da casaca foi conhecendo evoluções, mas mantém hoje o corte de Rosado Pires que, no entender de Manuel Marques, tornou a casaca mais perfeita ao incluir-lhe dois machos atrás que a tornam mais cintada.

Para este novo empreendimento recorreu ao serviço de bordadeira de Maria Rita, em Coruche, e lançou-se nesta área específica da alfaiataria já nos anos setenta.

A primeira casaca que fez foi para o cavaleiro João Palha Ribeiro Telles, filho de David Ribeiro Telles, que a estreou em público em Algé. Dedicou-lhe cerca de cem horas de trabalho e, segundo assegura com evidente orgulho, terá saído mais perfeita que a primeira casaca executada pelo seu antecessor, Alberto Armindo.

A sua segunda casaca, que tem bordados os mesmos motivos da primeira, viria a ser executada a partir do molde elaborado no âmbito do exame de especialização efetuado na academia e destinou-se a António Telles, outro dos cavaleiros da Torrinha. Desde então, Manuel Marques já perdeu a conta às casacas que fez. São já muitos anos nesta atividade, fazendo, além das casacas, tudo o que associamos ao cavaleiro tauromáquico e à sua apresentação pública em praça, desde a camisa, ao colete, ao calção, ao tricórnio e aos arreios de cortesia.

Nesta pequena mostra, para além das suas duas primeiras casacas já referenciadas, expomos também a primeira de Luís Rouxinol e a que este usou aquando da sua alternativa no dia 10 de Junho de 1987, em Santarém, bem como a casaca que a cavaleira Ana Batista vestiu em Coruche durante a sua alternativa, a 8 de julho de 2000.

Trabalhando num regime de quase exclusividade, esta sua atividade viria a resultar num crescimento exponencial de trabalho para Manuel e Margarida, uma vez que são raras as figuras da tauromaquia nacional que não tenham cruzado a porta do seu pequeno atelier e, com o aumento do prestígio nos círculos taurinos e equestres, passou a incluir clientes de toda a Europa e das Américas.

Entretanto, a evolução dos meios técnicos viria a mudar os modos de produção e a colocar fim à parceria de perto de vinte e cinco anos com as bordadeiras manuais de Coruche.

Primeiramente, e durante anos, passaram a trabalhar os bordados em Alverca; hoje essa parte do trabalho é feita em Fafe, com recurso às mais modernas e sofisticadas técnicas que a indústria do ramo tem ao seu dispor.

Se enquanto jovem Manuel Marques gostava de ser alfaiate, aos setenta e nove anos de idade continua a trabalhar e confessa que "ainda hoje gosto da minha profissão e sinto-me mais bem preparado que antigamente, trabalho mais a gosto, com mais paciência..."

Entre os seus trabalhos mais recentes, concluídos já no final do mês de julho, estão o colete que apresentamos na exposição, encomendado por um cliente inglês, e a casaca preta cujas fotos foram utilizadas no cartaz e no folheto de divulgação e que seguiu já para o seu destino nos Estados Unidos da América.

Mercê do reconhecimento nos quatro cantos do mundo taurino, ao longo dos anos foram constantes os destaques efetuados ao seu trabalho nos diferentes meios de comunicação social, garantindo-nos com satisfação que participou em cerca de trinta programas de televisão.

Pela qualidade do seu percurso profissional, Manuel Marques é hoje uma figura incontornável da tauromaquia nacional e internacional e representa, por isso mesmo, um motivo de distinção de Coruche no quadro da comunidade taurina mundial, justificando inteiramente a homenagem que o Núcleo Tauromáquico do Museu Municipal de Coruche aqui presta.

